

## HISTÓRIA E MEMÓRIA DO ESPORTE EM JEQUIÉ

Roberto Gondim Pires

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Jequié, Brasil

[gondim.roberto@gmail.com](mailto:gondim.roberto@gmail.com)

Cleber Dias

Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, Brasil

[cag.dias@bol.com.br](mailto:cag.dias@bol.com.br)

Marcos Cesar Meira Leite

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Jequié, Brasil

[marcos\\_cml@hotmail.com](mailto:marcos_cml@hotmail.com)

Recebido em 3 de janeiro de 2014

Aprovado em 3 de fevereiro de 2014

### **Resumo**

O objetivo deste estudo foi analisar a história e a memória do esporte em Jequié, Bahia, Brasil. Foram utilizados como fontes documentos do Museu Municipal, do Jequié Tênis Clube (JTC), além de entrevistas com esportistas e familiares. O desenvolvimento do esporte em Jequié esteve articulada a transformações que afetavam toda a região em princípios do século 20. Resultado de fluxos multidirecionais intermediados simultaneamente por diferentes grupos sociais, a história do JTC foi elevada por parte da elite local à condição de representante privilegiada de uma modernidade sertaneja.

**Palavras-chave:** história; memória; esportes.

### **Abstract**

#### **History and memory of sports in Jequié (Bahia, Brazil)**

The aim of this study was to analyze the history and memory of the sports in Jequié, Bahia, Brazil. The main sources was documents from Municipal Museum and Jequié Tennis Club (JTC), and interviews with athletes and their family members. The

rise of sports in Jequié linked itself with many transformations happening in the region since the early 20th century. Product from multidirectional ways, brokered simultaneous by different social groups, the history of JTC was portrayed by part of local elite as privileged representative of the modernity those region.

**Keywords:** history; memory; sports.

Tão valioso quanto saber a história do mundo e do Brasil é conhecer a história do bairro e da cidade em que vivo: como ele se formou, por que cresceu, quem mais se dedicou a ela, quais as atividades do seu povo, ontem e hoje.

Chico de Alencar

## **Introdução**

Fundamentos teóricos dos estudos históricos sobre o esporte geralmente associam o florescimento de práticas esportivas a um quadro geral de modernização, destacando, especialmente, a urbanização e a industrialização como principais índices desse processo (DIAS e MELO, 2009; LUCENA, 2001; MELO, 2001; VAMPLEW, 1988). Todavia, o caso brasileiro apresenta algumas situações em que o desenvolvimento histórico dos esportes se deu em circunstâncias bastante diversas. São contextos pouco ou nada urbanizados, inteiramente rurais às vezes, ausentes de quaisquer vestígios de industrialização, mas mesmo assim tomados pelo entusiasmo com os esportes (DIAS, 2013a). Articulações interpretativas mais gerais a respeito desses casos, porém, esbarram no limitado número de trabalhos sobre tais situações, pois a historiografia brasileira sobre esportes não tem privilegiado o estudo da disseminação dessas práticas fora dos grandes centros metropolitanos. Os exemplos em contrário são ainda poucos e recentes (CUNHA JUNIOR, 2011a; CUNHA JUNIOR, 2011b; DIAS, 2013b; KILPP, ASSMANN e MAZO, 2012; LIMA, 2009; SILVA, 2013; SOARES, 2011; SOARES e MORORO, 2011).

Além dessas questões propriamente teóricas, dificuldades para localizar e acessar vestígios do passado esportivo de regiões fora das maiores cidades do país também concorrem para a situação. Em verdade, são particularmente graves os obstáculos desse tipo. Se a manutenção de arquivos brasileiros importantes é precaríssima, pode-se deduzir a natureza de dificuldades colocadas para o estudo histórico de cidades fora das capitais ou das principais regiões metropolitanas, o que pode ser ainda pior em se tratando da história do esporte – muitas vezes menosprezada como instância legítima de memória social.

Tudo isso, no fim, afeta diretamente a capacidade de cada grupo, cidade ou região preservar e divulgar sua própria memória esportiva, o que tem implicações para além do campo esportivo, inclusive. Pois conforme já destacaram inúmeros teóricos sociais contemporâneos, as formas de dominação, hierarquização e estratificação social dizem respeito também a mecanismos simbólicos (BOURDIEU, 2007; WILLIAMS, 1992). Também a memória, nesse sentido, é o resultado de uma luta política entre diversos grupos pela imposição dos modos mais legítimos de se recordar do passado (LOWENTHAL, 1985; MUNSLOW, 2009). Assim, o fato de certos acontecimentos serem mais lembrados ou terem mais visibilidade que outros, não é resultado de uma possível capacidade inata aos próprios fatos, mas sim o resultado de complexas operações políticas e sociais, que pouco a pouco vão afirmando a capacidade de certos grupos ou regiões, em detrimento da suposta “incapacidade” de outros.

Mais que diletantismo ou gosto por antiquário, portanto, o estudo histórico dos esportes em regiões pouco consideradas na literatura especializada é mais uma forma de ampliação dos horizontes cognoscíveis do passado, problematizando, em última instância, os vários mecanismos possíveis no processo de estratificação e hierarquização

social. Assim, mais que apenas nos fazer compreender os acontecimentos esportivos do passado de uma cidade ou região, em particular, o conhecimento dessas práticas em contextos específicos, pode também nos dar indícios das transformações políticas mais gerais, pois, desde o início e em toda parte, os esportes representavam – para alguns setores pelo menos – a possibilidade do progresso e de uma ambiência culturalmente mais moderna (LUCENA, 2001; MELO, 2001; PEREIRA, 2000; RIORDAN e KRUGER, 2003). Dessa forma, a reconstituição histórica de práticas esportivas é também um elemento importante para a edificação de identidades – o que torna o processo potencialmente mais relevante para contextos e situações marginalizadas ou em posição de subalternidade. Conforme dizia Le Goff (2003), a ausência de um passado conhecido e reconhecido pode ser fonte de problemas de identidade. Nesse sentido, clubes, associações ou outros tipos de entidades esportivas são também lugares de memória; espaços potenciais para construção de identidades portanto. É bastante reveladora, assim, as associações discursivas entre a capacidade esportiva de determinados grupos ou regiões, com seus desenvolvimentos materiais ou simbólicos (SANTOS, 2012). Não por acaso, práticas esportivas tem sido mobilizadas para o empoderamento (provisório, que seja) de grupos em situação de marginalidade ou subalternidade (DIAS, 2011).

Nesse quadro, o objetivo deste trabalho é reconstituir a história do esporte em Jequié, ao mesmo tempo em que analisa o papel e o lugar da memória esportiva para a vida desta cidade. Com este intuito, documentos do acervo do Museu Municipal e do Jequié Tênis Clube foram tomados como fontes, com destaque para fotografias. Além disso, foram entrevistados esportistas e outros agentes que tiveram relação com a criação e administração do clube, tais como atletas, administradores e familiares de

atletas. Os significados vinculados aos esportes em Jequié, particularmente no contexto das práticas desenvolvidas no Jequié Tênis Clube, primeira e por muito tempo principal instituição esportiva da cidade, foram bastante representativas para a edificação de memórias culturais e políticas da cidade.

### **Contexto local**

O município de Jequié, situado na região sudoeste da Bahia, à 360 quilômetros de Salvador, funcionava, desde meados do século XIX, como uma espécie de entreposto comercial, um arraial de passagem de tropas e tropeiros, o que servira de impulso para o seu desenvolvimento econômico e populacional. Já em 1897, Jequié emancipava-se do município de Maracás, do qual era distrito, tornando-se cidade em 1910. Nessa época, notadamente depois da Primeira Grande Guerra, Jequié começaria a experimentar significativo surto desenvolvimentista. Em 1919, por exemplo, inaugurou-se o cemitério da cidade – símbolo corriqueiro de progresso para muitas cidades do interior nessa época. Em 1923, no mesmo sentido, inaugurou-se uma agência do Banco do Brasil e em 1927, de forma ainda mais significativa, a linha férrea da Estrada de Ferro Nazareth chegou finalmente até a cidade. Este seria um acontecimento importantíssimo para os rumos do desenvolvimento de Jequié, o que dizia respeito também às práticas de esporte. O desenvolvimento ferroviário, afinal, estivera relacionado ao início de práticas esportivas em várias regiões do Brasil (como exemplos, ver ALMEIDA, GUTIERREZ e FERREIRA, 2010; JESUS, 2000). A forte presença de capitais e trabalhadores ingleses em praticamente todas as iniciativas de construção ferroviária no Brasil provavelmente concorreu decisivamente para esse processo (GRAHAM, 1973).

Desde meados do século XIX, a elite política da Bahia preocupava-se sistematicamente com a criação de um sistema de transporte ferroviário capaz de integrar regiões produtoras dos principais itens da economia baiana do período. Assim, sete ferrovias foram idealizadas e executadas até os anos iniciais do século XX, quando o sistema rodoviário pouco a pouco suplantaria o ferroviário. Já em 1852, o governo da província concedeu à uma associação de proprietários agrícolas o direito de construção de uma estrada de ferro ligando Salvador à Juazeiro, a *Bahia and S. Francisco Railway*, cuja construção iniciar-se-ia quatro anos depois, em 1856, alcançado seu ponto final, 578 quilômetros depois, em 1895. Segundo análise de Zorzo (2000):

Apesar da decadência do antigo sistema de produção, os dirigentes e capitalistas baianos ansiavam pela retomada do enriquecimento e da disputa de maiores parcelas do poder nacional. Concebia-se o sistema de transporte ferroviário como um mecanismo de saída da crise, uma extensão eficaz do sistema de navegação mercantil, um caminho ideal para ligar as zonas produtivas do interior com os portos do litoral (p. 100).

Jequié, em particular, integrava-se plenamente nesse mapa de preocupações políticas. Em 1893, relatório de Affonso Maciel, engenheiro fiscal da *Tram-Road de Nazareth*, mencionava o bom desempenho econômico da ferrovia. No ano anterior, informava o engenheiro, nem sequer o aumento de 50% da subvenção estadual ou a diminuição das taxas das tarifas para o auxílio da lavoura, comercio e indústria da região foram suficientes para causar déficits, afinal, foram 48.626 passageiros transportados, mais de 2.700 toneladas de mercadorias, além das 786 toneladas de bagagens e encomendas. Por tudo, dizia Maciel (1893):

O seu prolongamento até Areia, Jequié e Vitória é uma medida complementar indispensável ao estabelecimento de um poderoso instrumento de progresso, artéria que se impõe no projetado plano de viação geral pela sua situação em relação aos interesses que vão servir (p. 3).

A construção da *Tram Road de Nazareth*, a companhia responsável pela construção de uma estrada de ferro ligando Nazaré, porto fluvial do rio Jaguaripe, até o Sudoeste baiano, através de todo o vale do Jequiriçá, iniciou-se em 1871. A inauguração de seu primeiro trecho realizou-se em 1875. A Estrada de Ferro Nazaré, como seria popularmente conhecida, seria uma das mais rentáveis e dinâmicas de toda Bahia até 1945. No longo período entre 1875 e 1945, apenas por três vezes o movimento financeiro dessa estrada de ferro registrariam déficits: 1875, 1920 e 1926 (ZORZO, 2000, p. 105).

Como resultado mais ou menos direto disso tudo, em 1928, uma estimativa deu ao município de Jequié uma população de 49.603 habitantes (ARAÚJO, 1997). Entre 1910 e 1930, a população da cidade teria saltado de 11 mil habitantes, para quase 50 mil (FOLGUEIRA, 1930). Apesar do crescimento, a população da cidade permanecera fundamentalmente rural ao longo de toda a primeira metade do século XX. Ainda na década de 1940, a população rural do município era estimada em 78% do total (ARAÚJO, 1997). Isto não significa, contudo, que a vida social da cidade estivesse estagnada, pois além de um estímulo econômico, a estrada de ferro promovia também outras formas de integração regional.

Considerando-se rodovias para automóveis, ainda sem pavimentação, ou mesmo os traçados dos antigos caminhos de boiadas, que aliás serviram ao próprio trajeto da estrada de ferro, os raios de influências da ferrovia estendiam-se a mais de 20 municípios por todo o sertão baiano: Nazaré, Santo Antônio de Jesus, Amargosa, São Miguel, Itaquara, Laje, Mutuípe, Jequiriçá, Ubaíra, Santa Inês, Jaguaquara, entre outras. Uma economia relativamente próspera e uma vida social relativamente dinâmica desenvolvia-se na esteira mesmo da estrada de ferro. É como dizia Alípio, personagem

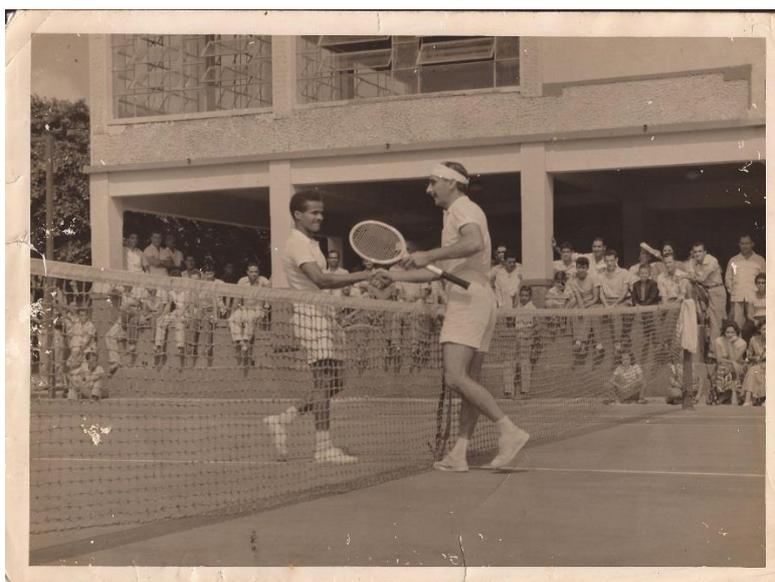
principal do romance *As Estradas da Esperança*, de Antônio Leal de Santa Inês, nascido em Laje, sudoeste baiano, em 1927: “Estas cidades todas vivem do trem. Bem ou mal, é por este trem que toda esta região tem contato com o mundo” (SANTA INÊS, 1982, p. 65-66). Na visão ambígua do personagem, que metaforicamente fala pelo escritor: “água, luz, calçamento, tudo era precário em Jequié. As ruas da periferia apresentavam enormes valetas, erosão no barro vermelho do que seria a calçada [...] tudo era sujo, pobre e esburacado [...] Mas havia o trem. Jequié era porta do sertão” (SANTA INÊS, 1982, p. 21-22).

As transformações decorrentes da estrada de ferro, em suma, se não eram absolutas, dado que características rurais permaneceriam visíveis por muito tempo ainda, também não se limitavam apenas as dimensões econômicas de transporte de cargas. Toda uma enorme cadeia de serviços, do telégrafo ao correio, dos lazeres ao comércio, seria em alguma medida agenciada pela linha férrea.

Outro aspecto importante nas transformações que se processavam em Jequié era a presença de imigrantes – o que indiretamente tem também relações com a estrada de ferro e sua capacidade de atrair um crescente contingente populacional. Em princípios do século XX, quando o influxo imigratório para o Brasil já atingia proporções impressionantes, Jequié também começaria a ser sutilmente afetada por transformações induzidas pela presença estrangeira. É verdade que a grande maioria dos mais de 3 milhões de imigrantes que entraram no Brasil entre 1890 e 1929 destinaram-se a São Paulo, cujas grandes lavouras cafeeiras exigiam mão de obra em abundância (PETRONE, 2006). Mesmo assim, alguns acabavam dirigindo-se a outras regiões, ainda que em menores proporções. Em 1900, registrava-se aproximadamente 6 mil italianos

residentes na Bahia. Jequié, especificamente, aparece como uma das cidades que mais recebeu imigrantes italianos nessa época.

Os novos moradores incrementavam a densidade populacional e a dinâmica comercial da cidade. Alguns desses imigrantes teriam papel proeminente num conjunto de transformações sociais e culturais em Jequié, incluindo aí àquelas relacionadas aos esportes. Em 1938, por exemplo, o imigrante italiano Vicente Grillo, que já havia doado terrenos para construção da Catedral de Santo Antônio, do Cemitério São João Batista, entre outras iniciativas em Jequié, doara também um terreno para a construção da sede até hoje ocupada pelo Jequié Tênis Clube (RODRIGUES, 2012). Imigrantes, além disso, também ofereceriam incentivos para o início da prática de esportes. João Aguiar Ribeiro, por exemplo, sócio do Jequié Tênis Clube, conhecido como “canhota de ouro”, vencedor de diversos campeonatos, incluindo um campeonato brasileiro de tênis em 1954, começara a praticar a modalidade sob estímulo direto de seu cunhado, o italiano Vicente Leone, conforme conta sua filha, Lílian Simone Ribeiro Dutra, em entrevista aos autores.



**Figura 1:** Tenista João Aguiar Ribeiro.<sup>1</sup>

É possível que alguns desses estrangeiros já chegassem ao Brasil conhecedores de esportes. O quartel final do século XIX, quando aumenta a proporções de estrangeiros fixando residência no Brasil, coincide com o momento em que os esportes conheciam progressiva disseminação por todo o continente europeu (RIORDAN e KRUGER, 2003). Na Itália, especificamente, responsável pelo envio de mais de 2,5 milhões de pessoas para o Brasil entre 1886 e 1920 (ALVIM, 1998), o esporte já era uma realidade relativamente bem conhecida desde essa época. Desde a década de 1880, clubes de ginástica relativamente bem consolidados ao redor de vários pontos da Itália introduziam modalidades esportivas em seus repertórios de atividades. Logo, testemunhar-se-ia o surgimento de associações e o início de competições dedicadas ao alpinismo, ciclismo, esqui, futebol e natação (MARTIN, 2011). Não por acaso, esportes foram ativamente utilizadas por comunidades de imigrantes italianos como instrumento privilegiado de mediação de suas interações com a sociedade brasileira (BOCKETTI, 2008).

De outra forma, porém, também não é improvável que muitos desses imigrantes italianos tenham entrado em contato com esportes pela primeira vez no Brasil. Na Bahia, diferente do que ocorria com a maioria dos imigrantes europeus, que vinham do campo, para o campo, italianos costumavam ter ocupações de natureza mais urbana. Eram sapateiros, carpinteiros, músicos, mecânicos, ourives ou comerciantes. Assim, ao invés de trabalharem na plantação de lavouras, atuavam como “mascates”, caixeiros-viajantes que além de vender tecidos e gêneros alimentícios, atuavam como divulgadores de notícias de outras regiões e novidades importadas da Europa, como

---

<sup>1</sup> Fonte: Acervo pessoal de Lílian Simone Ribeiro Dutra. Autor desconhecido (s/d).

maquinas fotográficas, gramofones e outras inovações da época. Eram verdadeiros intermediadores culturais, servindo como ponte entre as modernas novidades do século XX e a vida tradicional e rural do sertão baiano.

### **História e memória do esporte em Jequié**

Certamente, parte das transformações que se testemunhava em Jequié em princípios do século XX disseram respeito também aos esportes. Articulado a todo esse processo de mudanças, a prática do futebol registrava-se em Jequié ao menos desde a década de 1920. Nessa época, nos períodos de seca, trechos do rio de Contas transformavam-se em espaços improvisados para as primeiras partidas de futebol da região, os chamados “babas”. Os mais famosos e prestigiados eram os babas do Mandão e principalmente os do Gereré – entusiasta do esporte que organizava partidas no local. Nas palavras de Waldemir Vidal, em entrevista aos autores, “o baba do Gereré se caracterizava pelo clima festivo, ritmado por charangas, constituindo-se num verdadeiro local de lazer aos domingos para os desportistas e apreciadores do esporte da cidade de Jequié”. Pouco depois, com apoio e incentivo de Aníbal Brito, gerente da agência do Banco do Brasil inaugurada em 1923, o futebol em Jequié teria ganhado “novo impulso”, conforme Araújo (1997), sobretudo por causa da realização de campeonatos.



**Figura 2:** Equipe para um “baba do Ziro” no Rio das Contas (década de 30).<sup>2</sup>

Para além do futebol, em 1932, um grupo de amigos resolvera criar um clube de tênis. Assim, em cinco de novembro daquele ano nascia o *Bahiano Tênis Club de Jequié*, situado, de início, entre as ruas Silva Jardim e Dois de Julho. Em seguida o nome da instituição foi mudado para *Clube Bahiano de Tennis de Jequié*, e em 1933, assumiu-se, em caráter definitivo, o nome *Jequié Tennis Clube* (RODRIGUES, 2012).

Na primeira diretoria do novo clube encontravam-se pessoas como Milton Couto Muniz (presidente) e Magno Silva (secretário), ambos representantes de elite local. Magno Silva nascera em 1908. Em Jequié, além da participação na articulação para criação de um clube esportivo, esteve entre os fundadores do Lyons Clube e do Sindicato Rural da cidade, de acordo com seu filho, Eduardo Magno Senhorinho, em entrevista aos autores. Por volta da segunda metade dos anos 1920, mudara-se para Salvador, para dar continuidade aos estudos. Foi aí, provavelmente, que conheceu e se interessou pelo tênis.

---

<sup>2</sup> Fonte: MEIRA, Charles. Pascoal e o futebol amador. *Revista Cotoxó*, Jequié, ano 6, n. 34, fev. 2013, p. 19. Autor desconhecido (s/d).

A passagem estudantil por Salvador parece ter sido bastante importante para a constituição dos gostos e predileções esportivas de alguns jequienses. Milton Muniz, por exemplo, que também estudara em Salvador, fora sócio do Bahiano de Tênis durante sua estadia na capital baiana, um dos mais tradicionais clubes de tênis à época, onde provavelmente adquirira o novo hábito.



**Figura 3:** Grupo de tenistas do Jequié Tênis Clube em 1937.<sup>3</sup>

Desde os fins do século 19, Salvador conhecia um progressivo entusiasmo com práticas de esportes e de exercícios físicos em geral. Estudantes da Faculdade de Medicina da Bahia envolviam-se crescentemente, não apenas com a prática, mas também com a defesa da difusão regular de esportes e exercícios entre toda a população. Figuras como Mario César Gonzaga ou José Ferreira Junior, por exemplo, estudantes da Faculdade de Medicina da Bahia e ex-alunos do Colégio de Itu, no interior de São Paulo, onde o futebol era praticado como ferramenta pedagógica desde meados do século XIX (NETO, 2002), faziam parte do grupo responsável pelas primeiras

---

<sup>3</sup> Fonte: Acervo do Jequié Tênis Clube. Autor desconhecido (s/d).

iniciativas de organização do futebol na capital baiana. Paralelamente, estudos sobre a importância das atividades físicas também se desenvolviam. Em 1895, Francisco Lobo defendera tese sobre “Hygiene Escolar”, denunciando o descaso das autoridades com a educação física (leia-se, ginástica, passeio, saltos, natação ou exercícios militares). Nos anos seguintes, trabalhos como os de José Lopes Patury ou de Carlos Antônio Pitombo, no mesmo contexto, apresentariam ideias bastante semelhantes (CAFÉ, 2012), reforçando esforços para a criação de um consenso a respeito da importância dessas práticas.

Desde essa época, corridas de cavalo tinham lugar no Rio Vermelho e em Boa Viagem. O críquete foi outra modalidade cedo presente no cenário baiano. Em 1899, sabe-se de iniciativas como a fundação do *Club de Cricket Victoria*, formado por brasileiros (depois chamado Sport Club Victoria), ou do *Club Internacional de Cricket*, formado apenas por ingleses e depois chamado *Sport Club Bahiano*. Sintomaticamente, nesse mesmo ano, fundou-se o jornal *O sport*, dedicado especificamente ao turfe, exibindo a intensificação do interesse por esportes na região (ROCHA JUNIOR e SANTO, 2011).

Alguns desses primeiros clubes, com seus novos nomes, se envolveriam mais tarde também com a prática de outras modalidades. No início do século seguinte, momento em que novos esportes incrementariam progressivamente os dias de lazer esportivo em Salvador, a cidade conhecia já 5 clubes de remo: *Sport Club Santa Cruz*, *Sport Club Victória*, *Club de Natação e Regatas São Salvador*, *Club de Regatas Itapagipe* e *Sport Club Bahia*. Logo fundou-se a *Federação dos Clubes de Regatas da Bahia*, que responsabilizar-se-ia pela organização de regatas na Enseada dos Tainheiros, “belas festas náuticas”, conforme registrariam os jornais da época, com canoas,

baleeiras, vapores e arquibancadas (ROCHA JUNIOR, 2011, p. 60). Esses mesmos clubes também animaram pouco depois a fundação da *Liga Bahiana de Sports Terrestres*. Em 1906, como mais uma demonstração inequívoca do aumento do interesse por esportes em Salvador, alguns setores soteropolitanos já reivindicavam a construção de espaços dedicados especificamente aos esportes, particularmente, “vasta área gramada para o foot-ball”; “pista cimentada [...] para o ciclismo”; “pista apropriada para o lawn-tennis”; “pista circular para patinação” e “grande piscina para natação” (ROCHA JUNIOR, 2011, p. 78).

Fora precisamente essa ambiência de excitabilidade esportiva, que alguns cidadãos jequienses encontraram em Salvador quando da sua passagem pela cidade para a realização de estudos ou outras finalidades. Para além de universitários formados em Salvador, outros personagens colaboraram ativamente para disseminação de esportes em Jequié através, sobretudo, de atuações no clube que se formara na cidade. O capitão Napoleão, por exemplo, chefe da Circunscrição do Tiro de Guerra em Jequié, logo assumiu a direção de esportes do clube recém fundado. Conhecedor de métodos de ginástica e educação física, utilizados em suas instruções militares, Napoleão transferiu parte desses conhecimentos na preparação de atletas do clube, o que “acabou aperfeiçoando a prática desportiva na cidade”, segundo memórias de Aníbal Brito (ARAÚJO, 1997, p. 356).

No período de formação do Jequié Tênis Clube, preocupações com a oferta de esportes e outras formas de exercício físico intensificavam-se em todo o estado da Bahia. Em 1927, o governador Francisco Marques de Góes Calmon (1927), relatava que “a educação physica, também, tem tido visível desenvolvimento. Por toda a parte, até em classes isoladas de lugares longínquos e afastados, tem ido a insistência pela

gymnastica e pelos jogos, fazendo-se, hoje, de modo geral, em nossas escolas, educação física” (p. 77-78). Em princípios da década de 1940, no mesmo sentido, notar-se-iam já a criação das primeiras iniciativas formais e sistemáticas para formação de professores de educação física na Bahia (PIRES, 2008).

Nesse contexto, enfim, a prática de esportes se intensificou paulatina e progressivamente também em Jequié. Prova disso é a criação da *Liga Jequieense de Esportes Terrestres*, na década de 1940, que segundo avaliação de Inaldo Sardinha, em entrevista aos autores, “alavancou o esporte [em Jequié]”, sobretudo através da organização de campeonatos no antigo campo do Jequiezinho, depois estádio Aníbal Brito.

Especificamente no Jequié Tênis Clube, testemunha-se a partir dessa época progressiva ampliação do repertório de modalidades oferecidas aos seus sócios. Daí em diante, além do tênis, primeira e principal modalidade desenvolvida pelo clube entre as décadas de 1930 e 1940, notar-se-ia empenho para a promoção de outros esportes. A partir da década de 1950, a diretoria do clube reformou suas quadras de saibro, visando adequá-las ao basquete. Ao mesmo tempo, Ubirajara Coelho Lima, filho de um abastado pecuarista e agricultor de Jequié, apresentava o futebol de salão para alguns frequentadores do clube. Ubirajara era estudante da Escola Militar da Polícia, em Salvador, onde aprendera o jogo. Segundo se dizia, além da Escola Militar, só o Clube Bahiano de Tênis, também em Salvador, praticava a modalidade. Milton Rabello, presidente do Jequié Tênis Clube à época, apoiou prontamente a nova modalidade. De Salvador, do Bahiano de Tênis, mais especificamente, onde já havia sido sócio, além de ser amigo do presidente do clube à época, um de seus antigos colegas de Faculdade, Rabello mandou trazerem regras e bolas do novo esporte. Na mesma época, jovens de

outros estados, com envolvimento anterior com o futebol de salão, logo passaram a participar dos jogos em Jequié.

Tudo isso, ao lado de algumas boas atuações em campeonatos esportivos, ajudou a sedimentar a noção de que o Jequié Tênis Clube fora uma instituição responsável pelo aumento de visibilidade, consagração e reconhecimento da cidade na Bahia e mesmo no Brasil. Idealizado com motivações primeiramente esportivas, logo o Jequié Tennis Clube tornou-se local preferido para banquetes e reuniões convocadas para debater assuntos de interesses da comunidade – ou de parte dela pelo menos: ponto obrigatório de lazer e sociabilidade dos ricos da cidade. De certo modo, desde sua fundação, podia-se notar preocupações entre os principais protagonistas da iniciativa em angariar apoiadores e conquistar visibilidade. Logo após a criação formal do clube, carta de Magno Silva, eleito secretário da primeira direção, informava ao diretor do jornal *Correio de Jequié* a fundação do Club Bahiano de Tennis.<sup>4</sup>

Com o tempo, o Jequié Tennis Clube convertera-se na “sala de visitas da cidade” (ARAÚJO, 1997, p. 355). Durante décadas, seus salões serviram para festas, bailes, cerimônias e outras reuniões do *high-society* jequieense. Por ali, já passaram artistas consagrados, como Orlando Silva, Nelson Gonçalves, Emilinha Borba, Cauby Peixoto, entre muitos outros. Assim, o clube seria reconhecido por muitos como “o aristocrático”, representante local de noções e valores ligados ao progresso e a modernização dos costumes. A própria arquitetura da sede social do clube de certo modo já é reveladora sob este aspecto. O clube sequer tinha muro, pois “o limite era moral”, conforme informa Pedro Rodrigues, em entrevista aos autores. Segundo ele, “ninguém pulava, não entrava, pois tinha vergonha de ser posto para fora”.

---

<sup>4</sup> Carta de Magno Silva ao Illm. Sr. Director do “Correio de Jequié” e Illm. Sr. Director de “O Jornal”, Jequié, 11 nov. 1932, Acervo do Jequié Tênis Clube; Carta do Secretário [Magno Silva] ao Illm. Sr. Arthur Goulart, Jequié, 10 nov. 1932. Acervo do Jequié Tênis Clube.



**Figura 4:** Entrada da sede do Jequié Tênis Clube (no fim da década de 30, provavelmente).<sup>5</sup>

A importância simbólica do clube para a vida social da cidade era tanta que vários personagens projetaram-se politicamente por intermédio de suas atuações como dirigentes do clube. Podemos mesmo afirmar que existiu uma intensa relação entre a política local e a administração do clube. Figuras como Nelson Moraes, Dorival Borges de Sousa, Walter Sampaio, Newton Pinto de Araújo, Ewerton Almeida e Milton Rabello, todos pertencentes a famílias da elite jequieense, figuraram como praticantes de esportes (sobretudo o tênis), dirigentes do clube, além de terem atuado na vida política da cidade, como prefeitos, deputados, vereadores. Segundo Val Rodrigues (2012):

Na época o Jequié Tênis Clube era o supressumo dos desejos das pessoas, todos queriam ser associados e o clube se dava o luxo de escolher quem queria para o seu quadro social. Ser o seu presidente, era o aval para uma candidatura a vereador ou prefeito da cidade, ali se media e quantificava a competência do cidadão (p. 19).

### **Considerações finais**

---

<sup>5</sup> Fonte: Acervo pessoal de Pedro Rodrigues. Autor desconhecido (s/d).

Em larga medida, foi justamente essa trajetória histórica um dos principais elementos a concorrer para as representações que o Jequié Tênis Clube assumiu para a memória e o imaginário de Jequié a partir de determinado momento, manifestando-se até hoje em certa medida. Atualmente, o Jequié Tênis Clube é recorrentemente lembrado como um espaço institucional responsável por agregar visibilidade e prestígio à cidade. Segundo Pedro Rodrigues, em depoimento aos autores:

Jequié era menor e tudo convergia para o Jequié Tênis Clube. Era o único clube social da cidade. Também, o único espaço viável para realização das festas de formatura, casamentos, aniversários, desfiles de modas, natal, São João, carnaval, dia da cidade, além dos cursos de piano, culinária e palestra dos clubes de serviços [...] No Jequié Tênis Clube só podia ser sócio quem tinha poder aquisitivo elevado.

A posição social privilegiada dos principais sócios do clube certamente concorreu para a cristalização de uma memória muito positiva, e mais que isso, gloriosa do Jequié Tênis Clube. Todavia, para as finalidades deste trabalho, não importa discutir se o clube, de fato, foi ou não tão importante para as representações da cidade na Bahia e no Brasil, como apontam alguns desses modos de lembrar-se do passado do clube. Aqui, de outra forma, interessa situar essa experiência mnemônica no contexto de uma história regional do esporte – ainda pouco considerada na historiografia brasileira sobre o assunto. Em Jequié, a fundação de um clube de esportes fora o resultado de fluxos multidirecionais entre o sertão e a capital, intermediados simultaneamente por diferentes grupos sociais: imigrantes italianos, jovens da elite, ferroviários brasileiros ou não. Ligando Jequié a um amplo circuito de trocas materiais e imateriais, esses grupos disseminaram novos produtos, ideias e práticas, entre as quais, os “*sports*”.

Para além dessa versão, outras possibilidades de memória foram ou são ainda possíveis. A interdição que o próprio requinte do Jequié Tênis Clube impunha aos habitantes mais pobres da cidade não significou que estes outros grupos estivessem

impedidos de apreender práticas esportivas em Jequié, ainda que atribuindo-lhes outros significados, diferentes daqueles pretendidos pelas elites. A reconstituição dessas outras histórias, porém, esbarra em limitações documentais severas – que afetam também o envolvimento das elites com essas práticas. A continuidade de pesquisas em outros arquivos baianos talvez ajude a transpor tais obstáculos, permitindo desvelamento mais detalhado dos meandros dessas outras histórias.

### Referências

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis; FERREIRA, Ricardo Pellison. Futebol e ferrovia: a história de um trem da industrialização que parte para o noroeste paulista. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 249-259, abr.-jun. 2010.

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História privada no Brasil*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 215-287.

ARAÚJO, Émerson Pinto de. *Capítulos da História de Jequié*. Salvador: EGB Editora, 1997.

BOCKETTI, Gregg P. Italian immigrants, Brazilian fooball, and the dilemma of national identity. *Journal of Latin American Studies*, v. 40, n. 2, p. 275-302, May 2008.

CAFÉ, Lucas Santos. Espírito civilizador: esportes e atividades físicas nas teses da FAMEB (1895-1904). In: VI Encontro Estadual de História – ANPUH-BA, *Anais... Ilhéus*, 2012. Disponível em: <http://www.viencontroanpuhba.ufba.br/modulos/submissao/upload/44234.pdf>. Acesso em: 23 maio 2013.

CALMON, Francisco Marques de Góes. *Mensagem apresentada pelo Exmo. Sr. Dr. Francisco Marques de Góes, governador do Estado da Bahia, à Assembleia Geral Legislativa por ocasião da abertura da 1ª reunião ordinária da 19ª legislatura, em 7 de abril de 1927*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1927.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da (org.). *Histórias e memórias do esporte em Minas Gerais*. Juiz de Fora: EDUFJF, 2011a.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. Práticas corporais em Juiz de Fora (1876-1915). *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 3, p. 61-65, set.-dez. 2011b.

DIAS, Cleber. Esporte e cidade: balanços e perspectivas. *Tempo*, Niterói, v. 17, n. 34, 2013a. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/site/wp-content/uploads/2013/06/v17n34a04.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2014.

DIAS, Cleber. Esporte, lazer e culturas tradicionais. In: SILVA, Ana Márcia; FALCÃO, José Luíz C.; TUCUNDUVA, Tatiana (orgs.). *Práticas corporais em comunidades quilombolas de Goiás*. Goiânia: Ed. da PUC/GO, 2011, p. 93-117.

DIAS, Cleber. Primórdios do futebol em Goiás, 1907-1936. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 18, n. 1, 2013b. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/4000>. Acesso em: 03 jan. 2014.

DIAS, Cleber; MELO, Victor Andrade de. Lazer e urbanização no Brasil: notas de uma história recente. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 249-271, jul.-set. 2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/4557>. Acesso em: 3 jan. 2014.

FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. *Álbum artístico, comercial e industrial do Estado da Bahia*. Rio de Janeiro: Edição Folgueira, 1930.

GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

JESUS, Gilmar M. A via platina da introdução do futebol no Rio Grande do Sul. *Lecturas*, Buenos Aires, v. 5, n. 26, oct. 2000. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd26a/platina.htm>. Acesso em: 14 set. 2009.

KILPP, Cecília Elisa; ASSMANN, Alice Beatriz; MAZO, Janice Zarpellon. O "abrasileiramento" das associações esportivas de Teutônia/Estrela no Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 77-85, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1807-55092012000100008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1807-55092012000100008&script=sci_arttext). Acesso em: 3 jan. 2014.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Alex Witney et. al. As ligas esportivas de São João del-Rei (1930-1955): a busca pela afirmação do futebol local. *Recorde: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 1-10, dez. 2009. Disponível em: [http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/pdf/recordeV2N2\\_2009\\_13.pdf](http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/pdf/recordeV2N2_2009_13.pdf). Acesso em 3 jan. 2014.

LOWENTHAL, David. *The Past is a foreign country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

LUCENA, Ricardo. *Esporte e cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas: Autores Associados, 2001.

MACIEL, Affonso. Relatório dos trabalhos e ocorrências do tráfego da Tram-Road de Nazareth relativamente ao anno findo de 1892. In: LIMA, Dr. Joaquim Manuel Rodrigues. *Mensagem e relatórios apresentados a Assembleia Geral Legislativa*. Bahia: Typographia e Encadernação do Diario da Bahia, 1893, p. 209-218.

MARTIN, Simon. *Sport Italia: the Italian love affair with sport*. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

MELO, Victor. *Cidadesportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará / Faperj, 2001.

MUNSLOW, Alun. *Descontruindo a história*. Petropolis: Vozes, 2009.

NETO, José Moraes dos Santos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PETRONE, Maria Tereza Schorer. Imigração. In: HOLANDA, Sergio Buarque de (org.). *História geral da civilização brasileira*. 8 ed. t. III, vol. 9. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 104-146.

PIRES, Roberto Gondim. *Educação física na Bahia: cenas e flashes de uma história*. Salvador: Arcadia, 2008.

RIORDAN, James; KRUGER, Arnd (eds.). *European cultures in sport: examining the nations and regions*. Bristol: Intellect Books, 2003.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira. *Esporte e modernidade: uma análise comparada da experiência esportiva no Rio de Janeiro e na Bahia nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX*. Tese (Doutorado em História Comparada). Rio de Janeiro: Instituto de História / Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira; SANTO, Fernando Reis Espírito. Futebol em Salvador: o início de uma história (1899-1920). *Movimento*, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 79-95, jul.-set. 2011.

RODRIGUES, Val. JTC - 80 anos de história. *Extra*, Jequié, v. 8, p. 19-20, set.-out. 2012.

SANTA INÊS, Antônio Leal de. *As Estradas da Esperança*. São Paulo: Clube do Livro, 1982.

SILVA, Luciano Pereira da. O futebol e o início da diversão esportivizada em Montes Claros – MG. *Licere*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 1-30, mar. 2013. Disponível em: [http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV16N01\\_a4.pdf](http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV16N01_a4.pdf). Acesso em: 3 jan. 2014.

SOARES, Priscila Gonçalves. História, educação, lazer e práticas corporais em Juiz de Fora: o olhar do jornal O Pharol (1880-1915). *Temporalidades*, v. 3, p. 373-387, 2011.

SOARES, Priscila Gonçalves; MORORO, Anderson. Futebol e práticas corporais no final do século XIX e início do XX em Juiz de Fora/ MG. *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 4, p. 1-17, 2011. Disponível em: [http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recordede/pdf/recordedeV4N2\\_2011\\_17.pdf](http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recordede/pdf/recordedeV4N2_2011_17.pdf). Acesso em: 3 jan. 2014.

VAMPLEW, Wray. Sport and Industrialization: An Economic Interpretation of the Changes in Popular Sports in Nineteenth-Century England In: MANGAN, J. A. (ed.). *Pleasure, profit, proselytism: British culture and sport at home and abroad, 1700-1914*. London: Frank Cass, 1988, p. 7-20.